

4

O olhar do ES – residente

O objetivo deste capítulo é apresentar o olhar do ES-residente (ES está no lugar de ex, o que será explicado à frente) da Fazenda da Esperança, apreendido pela análise das respostas que os mesmos ofereceram por ocasião de sua participação em entrevistas propostas por essa pesquisa, no sentido de alcançar o objetivo geral do trabalho que foi o de identificar as mudanças de comportamento promovidas pela Comunidade Terapêutica Fazenda da Esperança – Centro Masculino do Amazonas na reabilitação do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas.

Desse modo, o instrumento aplicado se concentrou a partir da aceitação dos voluntários (Anexo A) e na aplicação de entrevista individual (Anexo B), construída em duas partes e constituída com perguntas abertas e fechadas, gravadas e transcritas. Elas foram analisadas, tendo como parâmetro Bardin (2010), que busca na atitude interpretativa dos enunciados feitos, não a língua em si mesma, mas, a partir da fala, o sentido que a constrói, o aspecto individual que a desenha, acessar uma realidade presente como pano de fundo do discurso.

O estudo teve um caráter exploratório, que tem “[...] como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, aprimorar idéias ou a descoberta de intuições; envolvendo entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (Gil, 2002, p. 41). Em conformidade a isso, sua natureza é de ordem qualitativa que se concretiza como aquela que “[...] evita números, lida com interpretações das realidades sociais [...]” (Bauer, 2002, p. 23).

Os entrevistados foram motivados a exercitar uma reflexão livre acerca de um tema ou conceitos de seu interesse e experiência, suscitando assim aspectos subjetivos de forma espontânea, em geral, para viabilizar o entendimento sobre a natureza da questão proposta, fertilizando espaço para a interpretação.

As entrevistas ocorreram no destacamento da Fazenda da Esperança na cidade de Manaus, localizado no bairro da Glória, acessível e conhecido por todos os entrevistados. Deram-se no consultório de Psicologia, sendo realizadas individualmente, respeitando as particularidades do processo de cada participante, além de observar o cuidado e respeito aos voluntários à pesquisa.

No momento, vale acrescentar que o projeto desta pesquisa foi aprovado pela Comissão de Ética na Pesquisa da PUC–Rio, em reunião do Conselho de Ensino e Pesquisa, em 29 de novembro de 2010, bem como concedida a permissão em consultar documentos da instituição Fazenda da Esperança, objetivando a aproximação dos pilares que a constroem e sustentam sua prática.

Para dar início às entrevistas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE foi apresentado, além de esclarecida a necessidade de sua existência; fora lido junto ao voluntário para assim, se concordasse com seus termos, assinar seu aceite. Não houve discordância de nenhum dos sujeitos consultados para a entrevista.

A definição dos entrevistados em questão se deu a partir do contato na própria Fazenda da Esperança, quando da solicitação de nomes de es-residentes que haviam completado o processo e que sua saída da instituição já se dava a mais de um ano. Dessa forma, foi disponibilizada uma lista de nomes completos e contatos daqueles que estariam dentro dos critérios de inclusão indicados. Posterior a essa etapa, foi solicitado também ao setor administrativo da instituição, quais pessoas, daquela lista fornecida, se tinham notícias de continuidade na sobriedade após a internação, sendo assim apontados quatro nomes, dos quais só foi possível localizar três participantes.

O próximo passo se concentrou na efetivação do contato com os mesmos, indicando o motivo e esclarecendo a importância da contribuição, sendo necessárias apenas duas ligações para cada um deles, havendo o acerto de datas e horários para a realização das entrevistas.

A confidencialidade e o sigilo foram assegurados aos voluntários, mais de uma vez, não havendo contestações ou discordâncias quanto à assinatura do TCLE ou às questões realizadas durante as entrevistas; em consonância, os

mesmos receberam a identificação “ES”, que significa, como sinalizado anteriormente, neste caso sinônimo de ex, mas lhe sendo atribuída a letra “s” em razão da palavra esperança. A numeração atrelada à sigla é assim ilustrada, ES01, ES02 e ES03, se configurando a partir da sequência das entrevistas realizadas.

4.1

Sobre a Residência na Comunidade

O discurso do outro, a fala, e a partir destes, o sentimento neles expressos, carrega em si muitos sentidos para o próprio existir nas relações e, foi nessa perspectiva que a seleção dos sujeitos se encontrou pautada.

Sujeitos estes que vivenciaram a experiência de Fazenda da Esperança durante o período de doze meses, decidindo transformar a própria vida, resgatando identidade, sentido e cidadania através da mudança no estilo de vida.

Os seus discursos estavam inseridos num contexto de mais de um ano fora da residência na instituição, sendo este o parâmetro mínimo pré-estabelecido para contemplar o objetivo da pesquisa.

Percepção da Experiência Vivida

Quando questionados a refletir sobre a experiência vivida nos doze meses de residência na Fazenda da Esperança, a partir de palavras indicadas no roteiro da entrevista (transformadora, cansativa, objetiva, sem sentido, não sei), a que melhor define, de acordo com os entrevistados, fora a “transformação”, que se mostrara acompanhada, nas falas, da idéia de percepção de mudança notória na maneira de existir, como indicado nas respostas a seguir:

Bem, eu acho que foi uma **transformação** mesmo. O ano que eu passei lá foi, foi uma forma assim de me encontrar, foi de me transformar mesmo, de uma pessoa velha pra uma pessoa nova, né? Porque ali eu me encontrei, né? Ali eu tinha, eu tinha várias coisas escondidas dentro de mim, eu não sabia, né? Por causa que a droga, ela escondia muitas coisas boas que eu tinha que eu não sabia. Então pra mim foi uma coisa transformadora mesmo (ES01).

Transformadora. Uma experiência transformadora. [...] Assim, transformadora porque antes de entrar na Fazenda, né, eu não tinha perspectiva de vida nenhuma. Eu fui lá acho, né, porque era a UTI, a última tentativa de vida, era a minha última tentativa. E com certeza lá a Fazenda fez com que eu mudasse meus conceitos totalmente, acho que 100%, 100%...hoje eu sou uma pessoa transformada mesmo pela Fazenda da Esperança, porque pelo que eu era antes e às vezes eu paro pra pensar, poxa eu era daquele jeito e agora como eu...foi só Deus, só Deus mesmo, não foi nem é assim é uma coisa superior mesmo só Jesus Cristo mesmo, porque pra mudar o que ele fez comigo né? Como ele mudou a água para o vinho foi o que ele fez na minha vida, então o que tenho a dizer é que foi uma experiência transformadora mesmo, 100% transformadora, né...tanto nos estudos, espiritualmente, moralmente, entendeu (ES02)?

Transformadora! Já justifica, transformadora, transformou, é tipo aquilo que tá na frente da Fazenda, Retorno à Vida, então assim, trouxe a transformação, e reviveu aquilo que eu já tinha antes, sabe, é a questão dos princípios básicos que os pais ensinam, que é você ter responsabilidade, compromisso, trabalho, respeito, então na questão transformadora, é isso, isso foi bom de lá, sabe...(pausa, chora). Desculpe, eu não consigo nem falar porque me ajudou muito...(chora) (ES03).

Os recortes das falas encontram afirmação em De Leon (2009) quando indica que, quando comportamento, experiência e percepções refletem uma integração, ocorre a transformação no estilo de vida, quando da experiência inserida no contexto de comunidade terapêutica, é uma interação contínua entre indivíduo e comunidade.

O processo de mudança é visivelmente compreendido pelos es-residentes por meio de suas próprias percepções e experiências, se caracterizando essenciais na transformação dos sujeitos, autenticando a mudança no que tange ao processo experimentado na comunidade terapêutica, pois, “[...] para que a mudança, a verdadeira revolução aconteça – para isso é necessário o inaudito: a grande força que deseja a comunidade, que funda a comunidade”. (Buber, 2008, p. 59).

Percepção acerca do Tempo de Residência

A instituição se encontra fundamentada no período de um ano de residência, indicando a própria dinâmica social quando da organização do tempo, é nesse período que completamos tempo de vida, é no período de um ano que organizamos projetos e passamos pela vida escolar, laboral e fiscal, assim como

um ano representa o quanto aproveitamos ou desperdiçamos nosso tempo em tudo aquilo que desempenhamos.

Nesse aspecto, os entrevistados foram convidados a definir a palavra, dentre as apresentadas na entrevista (demorado, rápido, suficiente, insuficiente, não sei) que melhor se encaixa, a partir de suas percepções, no período de residência experimentado quando da reabilitação na comunidade terapêutica, assim descritas em suas falas:

[...] os três primeiros meses foi bastante demorado, mas no quarto em diante, os sete meses foi muito rápido e foi também foi suficiente pra mim também um ano. Foi **suficiente** (ES01).

Ele foi **rápido, rápido**. Ele foi muito rápido porque ao sair, ao chegar ao fim do ano, o fim da caminhada, vem a vontade de ficar, de se doar, vem muito essa vontade e até hoje, eu tenho essa vontade muito grande de fazer uma experiência na Fazenda, mas eu tenho uma família, né [...] (ES02).

Ó, aí tem duas coisas, demorada logo de princípio porque a gente já pensa que vai ser demorado e rápido porque a gente vê que passou rápido, porque foi bom, aí dá, aquela pô, não um ano mesmo passa rápido, sabe, então se eu for ficar analisando eu fico entre as duas, porque tem isso daí que é o entrar e o sair que dá vontade de ficar, sabe, então vou ficar suficiente aí, pra mim é **suficiente** (ES03)..

A expressão “suficiente” aparece como relevante no discurso, o que pode mostrar certo amadurecimento para quem já passou as vicissitudes do enfrentamento de viver na sociedade cercada de oportunidades de deixar a sobriedade escapar mais uma vez. Diante da experiência técnica, a proposta de um ano de residência institucional assume o indicativo do primeiro ano do resto dessas vidas, pois se caracteriza como os doze meses do início de uma mudança, de uma atitude transformadora na própria existência.

Trabalho, Vida de Comunidade e Espiritualidade

A Fazenda da Esperança alicerça suas atividades e valores em um tripé que se estabelece no trabalho, vida de comunidade e na espiritualidade, estes que perpassam todas as tarefas desenvolvidas na instituição. Os entrevistados quando questionados a indicar sobre qual dos itens constituintes do tripé mais sentiram dificuldade (trabalho, convivência, espiritualidade, todas elas, nenhuma delas), foram diversos em seus posicionamentos, como indicado nos recortes a seguir:

[...] com certeza foi **em todas**. Eu entrei na Fazenda assim, dum jeito que eu não, não queria saber de nada, né? [...] Porque assim, eu digo na minha, na minha dependência eu não gostava de trabalhar, eu não gostava de ajudar ninguém, eu só queria saber de mim. (ES01)

[...] foi no **trabalho**, porque aqui fora eu não trabalhava, né, minha família me dava tudo, eu sempre tive tudo, e cheguei lá me deparei com a enxada, com o terçado, com...ir pro sol capinar, [...] mas depois que realmente eu, me entreguei mesmo de corpo e alma, eu percebi a necessidade do trabalho, pra mim sair transformado de lá eu tinha que participar dos três que era o trabalho, a convivência e a espiritualidade, porque um tripé se você tem, se você tem um tripé, tira um pé, ele vai cair. (ES02)

Olha, lá é interessante lá, esse, o tripé que a gente tem que seguir, mas o que que foi mais assim, que tem mais dificuldade, foi a **convivência**, convivência, é esse que foi o problema [...]. A dificuldade mesmo, que eu posso colocar assim, é a convivência, porque é difícil né, muita pessoa assim estranha [...]. (ES03)

Segundo De Leon (2009), quanto ao trabalho, embora a comunidade não represente uma ambiente convencionalmente laboral, o processo de tratamento ocorre durante todo o período de residência, não só nas atividades individuais, mas também nas funções de trabalho diário. Este último é uma tarefa basilar usada para promover a socialização, através da auto ajuda, das escolhas, responsabilidade e boa convivência.

Na perspectiva da CT, segundo De Leon (2009), o trabalho não se encontra distinto do tratamento, como ocorre em outras abordagens residenciais que compreendem o sujeito como “paciente”, mas sim um elemento essencial à reabilitação, como afirma:

O objetivo primordial das funções de trabalho, é facilitar o intercâmbio pessoal dotado de sentido nos comportamentos, atitude e valores de cada indivíduo que trabalha. O resultado material (serviços ou produtos resultantes do trabalho) e mesmo as capacidades desenvolvidas no processo são secundários em relação aos ganhos pretendidos em termos de evolução pessoal. Na concepção da pessoa inteira, a maneira como o indivíduo trabalha, revela quem ele ou ela é. Assim, vida de trabalho e vida pessoal são indivisíveis; impedimentos que afetam o desempenho no trabalho e a produção são importantes indicadores de problemas pessoais. Esses problemas são remediados no trabalho ou, mais precisamente, por meio do trabalho, tendo primordialmente a assistência de companheiros que trabalham em conjunto (De Leon, 2009, p. 146)

Ainda quanto ao tripé que rege as atividades da FE., fora solicitado aos entrevistados que indicassem, a partir de sua experiência e percepção, o grau de

importância das tarefas desempenhadas na instituição, relacionadas no quadro que se segue:

Quadro 1- Grau de importância das seguintes atividades desenvolvidas na Fazenda da Esperança de Manaus

ATIVIDADES PERTENCENTES À FE	NÃO PRECISA	IMPORTANTE	MUITO IMPORTANTE	TEM QUE TER/É INDISPENSÁVEL
1. Realização do trabalho diário		X	X	X
2. Ter que ficar morando na F.E. durante um ano			X	X X
3. Comunhão de almas		X		X X
4. Ficar sem atividades sexuais	X	X X		
5. Frequência na missa		X		X X
6. Jogo de futebol/Lazer			X	X X
7. Atendimento psicológico		X	X	X
8. Visita da família			X X	X
9. Dividir o quarto com outros homens		X X		X
10. Aceitar as diferenças da outra pessoa		X		X X
11. Rezar/Orar			X	X X
12. Ficar três meses sem contato pessoal com a família				X X X
13. Lavar louça/Limpar a casa			X	X X
14. Não usar medicamentos no tratamento			X	X X
15. Um padrinho para cada casa			X	X X
16. Dois coordenadores para cada casa			X	X X

Fonte: Roteiro de entrevista. A comunidade terapêutica e o olhar do ex-residente; da decisão de recuperação ao retorno à sociedade.

Legenda

X – Referente às respostas do ES01

 – Referente às respostas do ES02

 – Referente às respostas do ES03

A partir da apreciação dos dados expostos no quadro, a percepção dos entrevistados passa, quase que em sua totalidade, pela compreensão do muito importante e do indispensável, no que tange à dinâmica institucional em todo o universo de sua disciplina e de suas atividades laborais ou de lazer, as mudanças comportamentais e de identidade apresentam-se gradualmente internalizadas à medida que os residentes participam ativamente do programa terapêutico, envolvendo-se e permitindo-se à vida de comunidade.

Nesse aspecto, Buber (2008) sinaliza a importância da organização comunitária nas relações, intrinsecamente ligadas ao panorama indicado no quadro apresentado:

Uma grande associação humana só pode ser denominada comunidade quando for formada por pequenas comunidades vivas, por organismos celulares fortes em coexistência sem mediação, que entram em relação direta e vital, uns com os outros, como seus membros o fazem, e que se unem em vista desta associação igualmente de modo direto e vital [...]. Urge libertar a verdadeira vida entre os homens. É imperativo o renascimento da comunidade, da comunidade da vila, da cooperativa, do companheirismo, da união religiosa [...]. Não é na sociedade, mas sim no companheirismo que novos costumes podem germinar; não é na igreja, mas nas confrarias que pode uma nova fé prosperar (p. 56).

Ainda nesse aspecto, é importante indicar que, todos os entrevistados informam ser indispensável a distância de três meses, sem contato físico com a família, retomando, segundo as falas abaixo indicadas, o valor da união, a experiência de saudade e o sentido mais próprio da comunidade familiar:

Tem que ter esses três meses. Pra mim esses três meses foi o pior três meses da minha vida, depois que eu caí em si né, porque até então, na droga eu não queria saber de família, não dava valor à minha família, num queria saber de mãe, não queria saber de filho, principalmente o meu, né, que quando eu entrei na Fazenda ele tinha três meses de nascido. [...] Verdade, três meses, assim, uns três meses mesmo muito bom, muito bom que eu aprendi, né, a dar **valor** foi na dor, mas eu tinha que aprender desse jeito (ES01).

É indispensável você passar os três meses, porque você entra...eu entrei lá com dez quilos a menos, então, fisicamente e espiritualmente, então esses três meses, ele restaura de modo geral que...tanto no espiritual como fisicamente, então quando a família chega, depois dos terceiro mês, você sente aquela **saudade**, é preciso você passar os três meses sem a família, porque você sente o valor que a família tem, sente o valor que a esposa, a filha, o seu ente querido tem, o valor realmente você sente nesses três meses, você sente na pele, então é importante, porque se você

entra e já tem a visita o jovem não vai dar valor, eu acho que se não tivesse, seria muito difícil o jovem se recuperar, seria mais fácil a pessoa desistir porque, já tem a visita e a família já tá lá, então, não pode ser fácil, tudo tem que ter um preço, então tem que ter esses três meses sim (ES02).

[...] é indispensável! Por que? Porque é na primeira visita que tu vai fazer, tipo assim, a conciliação, de tudo, de tudo que aconteceu e além do mais, o sentimento que tu tem guardado, tu poder te expressar direito pros teus **país**, sempre com sobriedade, sabe, sem ter alguma coisa na cabeça, é indispensável sim a visita, depois de três meses; mesmo o cara ali trabalhando, segurando, mas o bom disso tudo, a importância disso tudo, é que quando chega o dia da visita do terceiro mês, pô, parece assim que, o teu coração fica batendo, então é indispensável, é indispensável isso daí, não tem como (ES03).

A família se configura como peça importante e fundamental em todo o processo de internação, assim como o comprometimento em todo o desenvolvimento individual e coletivo a partir da saída institucional. Aquilo essencialmente indispensável é o reencontro, a construção diária de uma relação familiar saudável, resgatando a base sólida desta instituição onde a condição humana se funda e se alicerça na sua mais completa e autêntica forma de existir, a família, a comunidade familiar.

4.2 Sobre o Retorno à Sociedade

Segundo De Leon (2009), a recuperação da dependência, seja de que ordem for, frequentemente inclui um componente significativo de fé, que se caracteriza por uma crença pessoal que não necessariamente apresenta evidências que confirmam suporte a esta, mas se apresenta forte e segura em si mesma.

É percebido que em sua fase inicial de tratamento, os indivíduos assumem, uma fé que reflete a necessidade de acreditar no que a comunidade acredita, sendo um reflexo coletivo e não individual, contudo, a partir do vivido em suas próprias experiências de internação, a fé passa a ser a reflexão do próprio processo de mudança e em muito atrelada ao amor ao próximo e, dessa forma, quando da internação, do período de residência concluído e sendo o processo institucional um promotor de mudança no estilo de vida, os entrevistados indicam aquilo que

mais fora significativo nesse período e que se encontra presente no exercício diário após a saída institucional quando questionados acerca dos aprendizados na Fazenda da Esperança:

[...] O que ficou mais assim pra mim foi uma palavra que a gente vive lá todo domingo, tá escrito lá na parede de cada casa lá, que é **amar** sempre, então uma coisa que eu carrego até hoje é amar sempre, amar teu irmão, amar teu próximo, amar, fazer tudo por amor, isso foi uma coisa que até hoje eu pratico (ES01).

A experiência me ensinou o amor, **amar** o próximo. Antigamente eu tava no trânsito, o cara me trancava, eu mandava o cara ir lá pra...ia brigar, ia fazer o mal, e hoje não, hoje eu aprendo...[...] é o amor, botar o amor em prática, é sair de si, sair do meu mundinho, da minha vida, minha vidinha de viver em casa (ES02).

Ah! Mantenho o tripé. Principalmente me ensinou a **amar**, né, porque uma coisa que eu aprendi lá, a amar mesmo verdadeiramente, de poder chegar com teu pai, com a tua mãe e dizer que eles são as melhores coisas, da vida deles e com meu irmão (chora), com www (irmão), yyy (irmã), é muito bom sabe, é, eu sou muito família, que queria tanto assim, é difícil, sabe, mas é bom, é bom, é bom (ES03).

Nesse mesmo aspecto e diante do exposto até aqui no que se refere ao percurso de um ano de residência na Fazenda da Esperança, assim concluído, e em face da experiência no acompanhamento enquanto atendimento no Serviço de Plantão Psicológico, nota-se que o período que antecede o retorno ao convívio na sociedade suscita notória ansiedade e receio, o que produz uma gama de possibilidades em vir-a-ser do sujeito, caracterizando angústia existencial, em não sentir-se seguramente disponível a encarar o universo das drogas e do álcool que se apresenta frequente na sociedade, como discutido ao longo dessa pesquisa. Dessa forma e pautado nas discussões do modelo de instituição total, Goffman (2008, p.66-67), esclarece:

Embora os internados possam ter planos para a saída e tenham um cálculo até de horas para a data de sua liberação, os que se aproximam desta tendem frequentemente a sentir-se angustiados [...]. A angústia do internado quanto à liberação parece apresentar-se, muitas vezes, sob a forma de uma pergunta que apresenta a si mesmo e aos outros: “Será que posso me sair bem lá fora?”. [...] Talvez essa perspectiva seja desmoralizante, e seja uma das razões para que os ex-internados frequentemente pensem na possibilidade de “voltar”, bem como uma razão para que um número apreciável faça exatamente isso.

Em conformidade à observância do movimento institucional quando adjetivado total e em consonância à proposta desta pesquisa, o período de transição que se aplica aos últimos meses e a reinserção na sociedade, imprime o

ponto singular da existência humana quando da percepção de mudança comportamental produzida na ocasião da internação e, dessa forma, diretamente ligada à busca em compreender a relevância e representatividade da instituição Fazenda da Esperança para aquele que passou pela experiência, pois percebe-se que a saída implica o titubear em assumir as responsabilidades, as escolhas, como se a instituição até ali, exercesse esse papel.

Goffman (2008, p.68 -69) indica com clareza o movimento desse período que antecede a “liberação”, dizendo que:

Parece que logo depois da liberação o ex-internado esquece grande parte do que era a vida na instituição e novamente começa a aceitar como indiscutível os privilégios em torno dos quais se organizava a vida na instituição. Um fator que tende a ser mais importante é a desculturação, a perda ou impossibilidade de adquirir os hábitos atualmente exigidos na sociedade mais ampla. Outro fator é o estigma. Quando o indivíduo adquiriu um baixo *status* proativo ao tornar-se um internado, tem uma recepção fria no mundo mais amplo – e tende a sentir isso no momento, difícil até para aqueles que não têm um estigma, em que precisa candidatar-se a um emprego ou a um lugar para viver. Além disso, a liberação tende a ocorrer exatamente quando o internado finalmente aprendeu a manejar “os fios” no mundo interno [...]. Em resumo, pode descobrir que a liberação significa passar do topo de um pequeno mundo para o ponto mais baixo de um mundo grande.

O recorte anterior resulta em uma das nuances mais significativas do processo de internação na Fazenda da Esperança, pois descreve o trânsito de entrada e saída em duas situações sociais diferentes, que em comum tem no ator social a busca de reabilitação do uso abusivo de drogas e/ou álcool, quando escolheu a experiência da comunidade terapêutica.

Essa escolha implica no retorno, após doze meses, a um convívio social fora da comunidade terapêutica; um cenário conhecido por cada um daqueles que estiveram residentes na instituição e que imprimem em suas falas os anseios de exercer a própria cidadania, reconhecer-se dentro dessa sociedade e sentir que pertence àquela realidade, como descrito a seguir:

O mais difícil acho que assim pra gente, porque quando a gente sai da Fazenda a primeira coisa que a gente quer é trabalhar, a gente sai com aquele fôlego todo, quero trabalhar, vou arrumar um trabalho e acaba não conseguindo, fica difícil pra gente, porque muitos não tem né o ensino fundamental completo, muitos nunca trabalhou né, muitos só fumaram, né, então acho que assim, pra gente voltar à sociedade assim, é o trabalho, pra mim foi um pouco difícil também, porque pouca gente, pouca não, muita gente não confiava em mim, né, pensava que ainda era

aquele xxx e tal, que roubava, que mentia, que enganava os outros, então foi um pouco difícil pra mim (ES01).

Assim, quando eu saí da Fazenda, eu tive muita dificuldade no convívio, porque é rejeição, é, primeiro de tudo, o seu nome na praça tá totalmente sujo, né, você não tem crédito com nada, documento você não tem, você vai tirar tudo, então, aí a dificuldade é essa, de tirar os documentos, de você limpar o seu nome, de ter uma posição na sociedade (ES02).

Ah! Tipo assim, se eu fosse voltar pra www eu não sabia como encarar mais as pessoas, sabe, é essa questão assim, eu acredito que eu não prejudiquei, prejudiquei sim! Muitas pessoas, né, meu pai, meus irmãos, minha família, fora as outras pessoas, que eu acho, que não foi prejudicar, que ficasse marcado, mas prejudiquei, sabe, então, era só esse medo assim, sabe, esse medo de voltar e encarar de novo a vida, de...eu até era Coordenador, tava deitado ali na rede, pensando, será que o Padre A., me dá mais três meses de Coordenação? Porque eu não queria voltar devido a isso, pra mim não, eu tava me sentindo muito bem lá, sabe, parece que a minha alma tava, tava, mesmo com o trabalho, com toda aquelas coisas, com negócio de Coordenação, mas pra mim eu tava me sentindo já realizado, sabe (ES03).

A comunidade em muito difere da organização social da sociedade, no dizer de Buber (2008) esta última se caracteriza como a expressão do desejo em tirar vantagens, tem aparência mecânica, onde as pessoas entram em contato incessante umas com as outras, mas não passam, não se forma entre elas a comunidade. De Leon (2009) conclui:

Usuários abusivos de substâncias têm dificuldades antigas para serem compreendidos e aceitos pelos outros e, mais importante ainda, para compreender e aceitar a si mesmos. Frustração e raiva com frequência definem sua experiência de não ser compreendido por familiares, professores, funcionários, dentro de relacionamentos e por autoridades. Tipicamente essas experiências servem como desculpas, desculpas e racionalizações para seu uso de drogas e outros comportamentos negativos ou hostis. O indivíduo nega ou deixa de perceber a sua própria contribuição para ser mal compreendido e não aceito pelos outros. Os problemas sociais, financeiros, familiares, jurídicos e de saúde crônicos associados a seu uso de drogas desnorream, irritam e por fim esgotam a compreensão das outras pessoas interessadas, confirmando a frustração e a raiva do residente (p. 349).

Esse panorama de existir pode se apresentar institucionalizado e se tornar solo fértil para o retorno às dificuldades vivenciadas anteriormente quando do uso abusivo de álcool e outras drogas, contudo, sendo o aprendizado adquirido durante o processo de internação uma realidade no existir diário, a partir da mudança no estilo de vida, em muito se consegue permanecer no propósito de mudança, pois adquirir a auto-aceitação é uma experiência profunda vivenciada na

CT, uma vez que proporciona uma base subjetiva para que se possa existir a partir de um novo parâmetro de identidade.

Esses períodos de internação são muito eficazes nem tanto pela sua condição de isolar esse usuário de seu círculo de drogas, mas muito mais por propiciar um período de reflexão em que a pessoa poderá entrar em contato com as nuances do significado das drogas em sua vida. O próprio fato de se isolar de seu cotidiano por si só já é um elemento bastante eficaz na retomada de seu eixo existencial, que, em geral, é totalmente desvirtuado com o uso contínuo da droga. Por outro lado, a convivência com outros usuários é fato de balizamento nessa luta contra as drogas. (Angerami, 2003, p.92)

Aceitar, essa condição de reabilitação, antes de mais nada, perpassa pela condição individual de cada sujeito, entretanto, se mostra facilitada quando também é mostrada pelos outros que compartilham daquela realidade; a aceitação de si mesmo e do outro assume o confronto consigo, o revelar e reconhecer as limitações, indicando comprometimento no trabalho árduo da mudança em direção ao bem estar; assim, rejeita aquele que se esconde e se defende de si mesmo, mas aceita aquele que se propõe autêntico nas relações individuais e coletivas, é essa a comunidade.

Em conformidade, quando os entrevistados foram instigados a definir o período de residência de um ano na FE, todos visivelmente se emocionaram, indicando que não conseguiriam expressar em poucas palavras o significado que a instituição assumiu no existir de cada um, sinalizando o divisor de águas que a mesma representa na história de vida compartilhada, assim anunciadas:

(Pausa)...pra mim acho que uma pouca palavra assim, foi muito bom pra mim, uma coisa, uma experiência muito boa mesmo, aonde eu pude me encontrar, né, onde eu encontrei o verdadeiro eu mesmo, até hoje eu me admiro de mim mesmo, como é que eu sou assim hoje, né (risos), como é que eu fui ser aquele cara rancoroso, aquele cara mau elemento, que só gostava de brigar, brigar, brigar e hoje tem um coração mole, mole, até choro às vezes, me emociono com tanta coisa que acontece na Fazenda (ES01).

(Pausa), é, essa pergunta eu não consigo responder, assim explicar, porque a Fazenda na minha vida é (pausa), não tem explicação, é, não tem como explicar. A Fazenda na minha vida é tudo, tudo, tudo, tudo, tudo na minha vida, é Deus na minha vida (se emociona), eu me emociono porque essa pergunta, acho que é uma pergunta que eu não consigo explicar, o que que é a Fazenda pra mim? É tudo na minha vida, a razão da minha é a Fazenda da Esperança, a Fazenda da Esperança...(ES02).

Peraí...(pausa), tipo assim, eu já falei que é um pedacinho do céu e ali eu digo, Deus opera todo dia, sabe, então pra mim, eu posso até falar assim, é algo excepcional que aconteceu na minha vida, porque tem muita importância (se

emociona), é importante sim, porque mudou demais sabe (chora), eu consigo falar com meus pais e ver que eu consegui vencer, sabe, eu consegui vencer a droga, então a Fazenda é super importante pra mim, é tudo, eu só acho assim que, que eu acho que eu tinha que, tipo assim, sugar mais as coisas, mas é excepcional isso daí. É excepcional a Fazenda (ES03).

Os discursos acima descritos, trazem indicativos do quanto as CTs representam transformação quando da proposta do resgate de valores individuais e coletivos dos sujeitos segregados à margem da sociedade em detrimento do uso abusivo de álcool e outras drogas. Assumem a disciplina na vida em comunidade, imprimindo o exercício do trabalho e da espiritualidade na vida cotidiana de uma instituição, que visa em sua obra, o retorno à vida.

O Grupo Esperança Viva e a Recaída

Vamos inserir a partir deste momento uma explicitação até longa sobre uma atividade que é desenvolvida na Fazenda da Esperança e que até então não foi mencionada, trata-se do Grupo Esperança Viva – GEV.

Tal inserção foi provocada pelos entrevistados que trouxeram em suas respostas essa forte e significativa presença. Assim, passamos a descrever e caracterizar essa atividade, endossadas pelas experiência e observações feitas pelos voluntárias dessa pesquisa.

O Grupo Esperança Viva-GEV nasce em 1988 na cidade de Tapejara, localizada no Rio Grande do Sul e se caracteriza como um grupo de auto ajuda diretamente ligado à Fazenda da Esperança; atualmente existem em todo o Brasil

e em outros dez países, sendo muitos GEVs que envolvem e reúnem milhares de pessoas que se dedicam à obra pelos mais diversos motivos. Após a residência de doze meses na instituição, o “ES” retorna à sociedade e busca existir a partir da mudança de estilo de vida proposta pela Fazenda da Esperança, contudo, necessita de apoio do grupo social e nessa realidade encontra acolhida no GEV que se constitui de pessoas que compreendem o



Figura 11 – Identidade Visual do Grupo Esperança Viva.

processo de residência e retorno à própria vida, após o uso abusivo de álcool e/ou outras drogas, ressaltando-se seus fundamentos no Evangelho; as práticas se concretizam muito nas questões de ordem religiosa dada a própria condição das bases institucionais.

O exercício da vida de comunidade, que proporciona uma infinidade de variações do existir humano se concretiza como aliança, como o divisor de águas no processo de reabilitação do uso abusivo de álcool e outras drogas, assim pode-se destacar:

Apesar de a comunidade ser realmente uma vida comum entre homens livres, instituída e fundada por eles, ela se realiza historicamente na realidade concreta, somente como uma aliança, aliança pessoal de amor, de ações, aliança no culto religioso. Estas alianças são, por sua própria natureza, transitórias; todas trazem consigo o prenúncio do destino indicando sua dissolução, especialmente as alianças de amor, de ato, uma vez que, com a ação – e se trata sempre da ação individual –, a aliança é destruída (Buber, 2008, p. 67, 68).

Os participantes do GEV se caracterizam por serem “ES”, familiares, amigos, religiosos, pessoas com questões semelhantes e que buscam melhor compreender essa realidade, desejam ajudar, compartilhar e discutir toda a realidade pertencente a esse universo, por isso não há restrição de idade, condição social, espiritualidade ou grau de instrução para sua inserção. É uma atividade sem ônus, de forma que seus membros são voluntários. Seu funcionamento se dá da seguinte forma:

Os GEVs se reúnem regularmente, por algumas horas, e ali podem aprofundar um aspecto da nossa espiritualidade, contar experiências vividas com o evangelho, rezar, cantar, aconselhar-se mutuamente, e, sobretudo, experimentar aquele clima de família que existe em nossas comunidades. Mensalmente, é elaborado um tema de espiritualidade e é proposto uma Palavra de Deus tirada do evangelho, chamada de “Palavra de Vida”, para ser aprofundada e tomada como meta espiritual do mês. Um dos trabalhos realizados nesses grupos é o acompanhamento de famílias e de jovens que precisam de ajuda para enfrentar o problema das drogas. Ali, eles recebem informações sobre o tratamento nas Fazendas e recebem força para superarem esse momento difícil da vida. (Fonte: <http://www.fazenda.org.br/esperanca-viva/esperanca-viva.php> Acesso em 23/03/11)

No Amazonas, o GEV tem suas bases fundadas no mesmo ano em que a Fazenda da Esperança se instala no Amazonas, ou seja, no ano de 2001, estando sua trajetória histórica a ser escrita. Em consonância aos demais grupos, também pautados pelo Programa Terapêutico, o mesmo existe a partir da seguinte forma:

São grupos de auto-ajuda para os familiares e jovens dependentes de droga e álcool, que se reúnem ao menos uma vez por mês, no terceiro domingo. Reforça o que foi aprendido durante o tempo de tratamento bem como incentiva a permanência na sobriedade. Neste Grupo, partilham as experiências feitas na sobriedade e o sofrimento das recaídas, num clima de solidariedade e compreensão. O jovem, já durante os dois últimos meses de tratamento pode participar do Grupo Esperança Viva. Existe um Escritório Central, desde 2001, mantido pelas contribuições espontâneas dos próprios ex-internos, com uma secretária. Ela atualiza o cadastro dos ex-recuperandos, Recebe e transmite a todos os jovens os relatórios das reuniões dos Grupos Esperança Viva, comunica e convida os jovens para participação nos eventos promovidos pela Fazenda (Missões, Encontros, festas, etc.). Transmite, mensalmente, o tema espiritual para as reuniões. Recebe os telefonemas, e-mail dos jovens e lhes dá orientação e ânimo para continuar na sobriedade. Todo este trabalho pós-recuperação é coordenado por Comitês regionais, constituídos pelos próprios jovens ex-recuperandos. São eles e seus familiares que promovem os Grupos Esperança Viva de sua cidade, acompanham outros jovens, com telefonemas, visitas e os ajudam a permanecer na sobriedade. Dão testemunho e desenvolvem ações de prevenção e de solidariedade. Para os ex-internos, que tem recaída, é facultada a realização de períodos curtos de convivência na Fazenda (Programa Terapêutico – Fazenda da Esperança, 2010, p. 12, 13).

O GEV em Manaus se concretiza com vários grupos, existindo em diversos bairros da cidade. O localizado no Bairro da Glória assume o Escritório Central e por estar apenas próximo a uma fatia da população, os demais existem para atender demandas de cada aresta da cidade, buscando estar próximo e disponível àqueles que querem e precisam de auxílio no que tange ao uso abusivo de álcool e drogas, tendo estado ou não interno na instituição.

A importância do GEV se faz clara no desenho social desse grupo que retorna à sociedade e se auto explica, em sua denominação, como explica o recorte a seguir:

[...] onde quer que eu esteja eu coloco isso em prática, eu sou uma Esperança Viva, o encontro que eu tive com o Papa, ele falou que somos Embaixadores da Esperança, então a Fazenda me ensinou a ser Esperança Viva, de eu ser a Esperança Viva, do TTT da Fazenda, ser uma Esperança Viva, porque se eu recaio, quem ia recair não ia ser o TTT, ia ser a Fazenda da Esperança. A Fazenda da Esperança, muitas pessoas iam falar, a Fazenda não recupera, tá vendo aí. No meu trabalho, onde tem um anjo também, que é o Dr. XXX., que me deu oportunidade de trabalhar lá, a Fazenda me deu esse compromisso, de eu reconhecer que eu sou uma Esperança Viva, então, dentro do meu emprego, lá do meu trabalho, dentro da RRR, eu sou a Esperança Viva, eu sou a Fazenda da Esperança, entendeu. Então, o que a Fazenda me ensinou, né, a praticar no dia a dia, é ser Esperança Viva, né, quantos jovens já não ajudei, de familiares que se sentiram sufocados, sem eu falar de Deus, chegar TTT, eu preciso de ajuda, e hoje já passaram pela Fazenda, alguns ainda tão lá em recuperação, tão terminando o ano, através disso, através de eu ter esse compromisso de ser Esperança Viva, né, de seu ser Esperança Viva, porque o TTT da Fazenda tá lá na RRR., tá em qualquer lugar que esteja lá, na faculdade, tá

dentro da minha casa, tá no meu bairro, olha aquele jovem que passou pela Fazenda, aquela Esperança Viva ali, eu tenho esse compromisso, de colocar, de espalhar essa luz, porque se eu não fizer isso, né, eu não aprendi nada na Fazenda, eu não tive nenhuma experiência, então é a experiência de vida que eu tenho hoje, que a Fazenda me ensinou mesmo, é espalhar a luz para o mundo, espalhar a luz (ES02).

Em consenso, no que tange à recaída, o discurso dos entrevistados se direcionou para a idéia do quanto é trabalhoso encarar a si mesmo imerso em uma sociedade que germina em cada esquina o uso abusivo de álcool e outras drogas, mas que diante do impulso, do gosto ainda presente na lembrança, a experiência de estar “limpo”, de prontidão se afirma no exercício aplicado na vida diária da Fazenda da Esperança, que a consciência da mudança do comportamento se faz clarividente, assinalado a seguir:

[...] tomei dois vinhos, tomei três, aí daí, fumei, aí eu ainda lembro muito bem que foi dois, como posso falar, dois baseados, né, com um colega meu lá, mas quando rapaz, parecia assim, que, que eu tinha pegado uma flechada quando eu tinha fumado aquilo, quando eu tava bebendo, tudo bem, mas quando eu peguei na droga, parecia assim, que alguém tinha me dado uma cacetada por trás, digo minha nossa, que eu tô fazendo cara, me lembrei tudinho do grupo onde eu tava firme, no ano que eu passei na Fazenda, veio o meu filho na cabeça, veio minha família, aí, sabe duma coisa, eu peguei, pega cara, eu parei por aqui, vou embora. Rapaz, aí, desde aí, desde esse ano novo aí eu nunca mais toquei em nada, esse ano novo aqui que passou, ixi, foi tranquilo, né, num tive aquela coisa toda como eu tive antes, esse vacilo mesmo que eu dei assim, essa recaída relâmpago, assim (ES01)!

Eu tive uma experiência muito grande quando eu saí da Fazenda, que foi com um amigo, a gente passou o ano junto também lá dentro, eu tava, eu achava que a minha espiritualidade...eu estava prestes a curar, até fazer cura, eu achava que eu tava um santo, um santo, um santo e eu marquei, rapaz, bora pro forró, aí eu fui pro forró com ele, foi o único dia que eu saí assim de ir pro mundo, né, pras festas do mundo que eu freqüentava. E eu fui pro forró, cheguei lá no forró, eu fiquei trinta minutos lá dentro e eu senti uma vontade imensa de recair, porque, eu não era casado perante a Deus, mas eu era uma pessoa junta já há cinco anos e apareceu uma mulher e eu comecei a dançar, eu comecei a sentir aquelas sensações que eu sentia antigamente de homem velho, então, eu chamei esse meu amigo e falei olha, bora embora daqui agora mano, bora embora daqui aqui agora porque eu tô sentindo tudo que eu sentia antes, eu tô sentindo aqui nesse momento, então, se eu ficar aqui cara, eu posso acabar ficando com essa mulher, eu vou tomar uma cerveja e vou usar droga e tudo que eu passei vai por água abaixo e naquele momento eu senti que Deus, ali foi tipo uma sacudida que Deus me deu, e eu vou te mostrar como é que tu não tá, como tu pensa que tu tá, aquilo pra mim foi a gota na minha vida, foi aquilo ali, até hoje eu conto essa experiência no grupo pros meninos, que eu achava que eu era o bam-bam-bam, mas Deus me mostrou que não era por aí, então, foi desde esse momento que eu baixei a crista, né, e vi que eu não ou nada perante a Deus, então eu tenho que buscar, porque eu tenho essa consciência, em todo lugar que eu ando agora, será que esse é o exato lugar que Deus quer que eu esteja nesse momento? Deus não quer que eu esteja lá de maneira

nenhuma, pelo que eu passei, não que seja errado, a pessoa pode ir, eu não posso, eu não posso, então eu tenho essa consciência, foi essa, foi a experiência, foi uma recaída, né, num foi recaída na drogas, mas foi uma recaída perante a Deus (ES02).

Eu, tipo assim, é muito trabalhoso isso...(pausa, risos). Cara, tu não consegue imaginar, a situação que é você acordar todo dia e poder sair por aí, e tu olhar prum bar, olhar pro cigarro, olhar pra aquela curtição ali e pras pessoas que tão ali, sabe? Passar por frente uma “boca”, cara, isso daí é muito trabalhoso, tem que ser muito forte com essas coisas, principalmente quando você tá no trabalho. No trabalho eu to tendo esse tipo de problema, assim que os meus colegas, pô, e aí, “bora beber uma”, aí fica complicado sabe, onde que você tá naquele trabalho, sabe, quente, naquela fervura ali, pô, tomar “uma”, pô, parece assim que tipo, uma aplicação mutante, sabe, é trabalhoso isso, é trabalhoso (ES03).

Essas são experiências essenciais, mudanças individuais fundamentais que refletem a integração do aprendizado quando da internação na CT, uma mudança duradoura depende disso, da disponibilidade inteira, completa de si mesmo, trabalhando ativa e insistentemente os comportamentos a ser replicados ou modificados, sentir e compreender o valor da mudança nessas pequenas horinhas de descuido, a fim de enxergar a si mesmo, aos outros e quiçá ao mundo, de uma maneira diferente.